

INTERVENÇÕES DOCENTES NA AUTONOMIA CURRICULAR: a construção coletiva do referencial curricular de Educação Física do município de Cubatão.

PASQUANTONIO, D. A.; FREITAS, M. L. de; BARROS, J. E. de Melo; SERTÓRIO, M. M. do Nascimento; DOMINGUES, L. C. D.; KOEDEL FILHO, I.; FERREIRA, F. J.; REZENDE, J. F.; TEIXEIRA, R. R.; REZENDE, J. F.; DA SILVA, P. C.; LINS RODRIGUES, A. Cesar. Secretaria de Educação de Cubatão - SEDUC

Resumo

Essa mesa versa sobre a construção coletiva do Referencial Curricular de Educação Física Escolar do município de Cubatão. Por considerarem-se os aspectos multiculturais inerentes à população discente que compõe a rede do referido município, optou-se pela abordagem da cultura corporal como norteador teórico. Em função desse movimento de construção coletiva ter partido da necessidade de se dar uma identidade própria à Educação Física Escolar do município, adotou-se a Pesquisa-ação como metodologia, fundamentada nos escritos de Franco (2005). Aspectos como a formação docente, cultura popular infantil e identidades dos alunos, também foram adotados como princípios fundantes para a elaboração do documento. Não obstante a experiência estar em andamento, já se pode destacar, no grupo referência, uma significativa mudança no que diz respeito às suas práticas docentes em Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Cultura Corporal e Multiculturalismo.

Objetivos

Pensamos que, por meio de ações educacionais onde as múltiplas práticas culturais sejam validadas e “entendendo melhor tanto as forças de dominação que afetam as vidas dos indivíduos cujas origens de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia e religião estão fora da(s) cultura(s) dominante(s)” (KINCHELOE, p. 30, 2007), talvez possamos construir espaços onde as vozes excluídas sejam ouvidas e que seus ecos tomem proporções geradoras da propriedade transgressora de transformar o “*status quo*”, para além das categorias hegemônicas formatadoras de identidades. Em função desse pensamento, passamos a nos reunir procurando traçar um plano referencial que traduzisse toda inconformidade que nos era peculiar, em função de enxergarmos a Educação Física vigente em nosso município numa posição aquém do que demanda o contexto educacional atual. Em tempos onde a complexidade permeia todo contexto de escolarização não nos é crível que as perspectivas parciais sobre o mundo – no sentido do conhecimento monológico – possam dar conta da elucidação dos mecanismos intrínsecos inerentes às relações entre o perfil humano em sua

ampla abrangência e as demandas da realidade material (Ibidem, p. 39, 2007) acontecidas a cada aula dada. Entendemos que um currículo para abranger questões tão plurais quanto inéditas, tal qual as que estão presentes no dia a dia das escolas do nosso município, também deva contemplar em seu âmago a discussão da presença do multiculturalismo em todas as instâncias escolares. É de nossa anuência o pensamento de que “cada cultura é o resultado de uma história particular e isso inclui também a sua relação com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes” (SANTOS, 1994, p. 08), o quê nos leva a considerar o conjunto de atributos formadores de cada indivíduo como um emaranhado de complexidades emanado do somatório das representações disponíveis pelas quais as sociedades – ou grupos sociais *diversos*¹ – dão sentido e transparecem as suas experiências comuns (HALL, 2006, p. 126). Tal fato nos faz repensar o que se tem proferido como legítimo dentro do ambiente escolar e até que ponto essa validação está imbricada a uma prática de legitimação da diversidade cultural, o quê, pelo menos em tese, entendemos, deveria nortear nossas ações pedagógicas enquanto docentes. Em meio a esse contexto de escolarização, cabe-nos a seguinte pergunta: existe, de fato, uma prática democrática dentro de nossas escolas municipais? Pensamos que talvez não haja e justificamos tal posição em função de cada realidade cultural ter uma lógica de funcionamento próprio e que para fazer sentido, devem ser conhecidas com profundidades em todas as práticas, costumes e transformações sofridas (Ibidem, p. 12) em nossas aulas de Educação Física.

Há algum tempo vimos percebemos limiares cada vez mais ínfimos entre as identidades, fugindo à lógica da normalização que, de acordo com Silva, traz em seu cerne “formas privilegiadas de hierarquização, sendo um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença” (2000, p.83). Essa situação nos remete ao conceito de *identidade de fronteira*² onde o confronto de culturas múltiplas e singulares pela busca de espaço nas relações de poder cotidianas vividas nas nossas salas de aula, dão origem às culturas híbridas que se disseminam – resistindo às investidas

¹ No sentido de terem a sua situação de pertencimento legitimada ou não na sociedade.

² Segundo Maclaren (2000, p. 195-195) “significa lutar contra a redução da possibilidade da transformação do *eu* e do social como co-implicados na dialética da liberdade. Isto é, significa lutar contra nossa falha em ver nosso próprio reflexo nos olhos dos outros. Identidades de fronteira requer a *dialética da diferença*, que se refere à formação de subjetividades de resistência, ou seja, subjetividades que são capazes de resistir ‘às tendências absolutizantes de um mundo burguês, patriarcal, classista, e racista que se funda na noção de identidade fixa e positiva e em papéis especificados de gênero, baseados nessas fixações positivas’... são criadas a partir da empatia por outros como forma de uma conexão passional através da diferença. Tal conexão é ampliada por uma imaginação narrativa, possibilitando que relações críticas sejam produzidas entre nossas próprias histórias e as histórias dos Outros culturais”.

silenciadoras hegemônicas – escola adentro, provocando tensões que nos fazem refletir sobre o nosso papel de professores, no sentido de análise da prática pedagógica, a fim de ponderarmos até que ponto estamos nos eximindo ou não da nossa real função de criar subsídios para a formação do corpo *histórico-crítico-transformador*, metáfora que elegemos para o norteamento das nossas ações docentes.

Levando-se em consideração as justificativas supracitadas, acatamos como objetivo do presente trabalho, “buscar caminhos para que os nossos alunos tenham suas vozes reconhecidas, à medida que ultrapassem a barreira do ‘ser ouvido’ pura e simplesmente e atinjam o estágio de vivência coletiva de suas práticas, sem que as mesmas sejam transformadas em instrumentos de um “contragolpe social” (NEIRA, 2007) que mantenha ou acentue o *status quo* de exclusão identificado em nossas escolas municipais; tudo isso por meio da elaboração de uma proposta, cujo objeto de pesquisa seja a construção de uma identidade própria da Educação Física Escolar do município de Cubatão, que contribua de maneira efetiva para que as práticas corporais vivenciadas em nossas aulas suscitem em nossos alunos a reflexão crítica sobre estarem ou não inseridos nos mecanismos de legitimação social hegemonicamente estabelecidos”.

Metodologia

A idéia da construção do presente documento surgiu de uma iniciativa autônoma dos professores de Educação Física de Cubatão que, buscando criar uma identidade própria para a Educação Física Escolar praticada nesse município e que esta pudesse nortear as ações referentes às suas práticas pedagógicas, resolveram engendrar um novo caminho, onde as demandas suscitadas pela população escolar fossem contempladas de maneira mais justa e, por conseguinte, mais equânime. Pela natureza do surgimento desse documento, percebeu-se uma estreita ligação com os pressupostos da pesquisa-ação, em virtude dos mesmos dialogarem com a conjuntura atualmente vivida pelos docentes de Educação Física que atuam nas escolas municipais de Cubatão, no que tange à busca de possíveis soluções às questões demandadas dentro do nosso processo de escolarização. Assim procedendo, nos apropriamos dos escritos de Franco (2005) para fundamentar os procedimentos metodológicos que norteiam o nosso trabalho.

As estratégias de ação pedagógica utilizadas foram: a tematização, mapeamento, ressignificação, aprofundamento e ampliação, elegendo o tema brincadeiras e jogos populares como o primeiro a ser trabalhado, já que entendemos os referidos conteúdos como repletos de um suporte de conhecimentos suficientes para serem apreendidos em nossas aulas de Educação Física. Tivemos como público alvo os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Os recursos materiais utilizados foram: giz, lousa, vídeo, aparelho de DVD, televisão, computador, filmadora, câmera digital, quadra, pátio, sala de aula, cordas, bolas, papel, caderno, gravador, lápis, borracha e caneta.

Pode-se registrar a priori como resultados iniciais uma mudança na postura dos professores envolvidos diretamente na construção do documento, no que diz respeito às suas práticas pedagógicas cotidianas. Na medida em que começaram a vivenciar um envolvimento mais direto com a perspectiva curricular multicultural, os mesmos perceberam que os alunos, suas famílias e seus contextos locais – todos perpassados pelos determinantes culturais que os estruturavam – tinham uma importante contribuição a dar dentro do processo de escolarização. Também desenvolveram um olhar mais acurado para as relações assimétricas de poder inscritas direta ou indiretamente no currículo escolar e o quão as mesmas contribuía para o reforço do repetido processo de exclusão explícito ou não nas aulas de Educação Física Escolar ministrada nas escolas do município em que atuavam.

A proximidade com a problemática suscitada pela criação de uma identidade própria da Educação Física Escolar do município, trouxe a tona a necessidade de uma formação complementar, fato que impeliu o referido grupo rumo à busca de um aprofundamento maior nos referenciais teóricos fundantes, essenciais para que a discussão em torno da mudança ganhasse consistência tornando-se viáveis e alicerçadas todas as ações praticadas. É nessa ocasião que o contato direto com a produção de autores como McLaren (2000); Silva (2000); Giroux (2002); Apple (2002) e Hall (2006) provoca um momento de intensa reflexão, os impulsionando à rupturas para com as práticas internalizadas desde sua formação docente, adicionando ao seu cotidiano pedagógico um teor libertário considerável.

A grande maioria do grupo de professores passou a pensar a Educação Física Escolar de um modo diferenciado, ou seja, comprometido com a legitimação das vozes dos seus alunos até então silenciadas. Questões repletas de intencionalidade crítica ganharam prioridade nas práticas pedagógicas desenvolvidas, o quê se constatava a cada nova

experiência compartilhada entre o grupo, por meio de seções de vídeo onde ressignificações, aprofundamentos e ampliações migravam das discussões teóricas para ganhar forma em cada aula dada e registrada. Em virtude desse fato uma práxis engessada nos moldes esportivizantes, não mais cabia como centro da discussão do objeto de estudo da área. Em vez desse, um novo foco passou a ser considerado, seja este o aparato multicultural de cada aluno presente nas salas de aula e os “porquês” da não consideração dessa diversidade dentro do processo de escolarização.

A inferência que não se pode furtar a fazer consiste na mudança factual do olhar desses professores em relação aos seus alunos: agora muito menos arrogante. Ou seja, esmerado de uma humildade pedagógica que se pode exemplificar pela frase proferida por um dos deles no decorrer de um encontro onde se discutia as ressignificações de algumas brincadeiras e suas diversas implicações. Exclama o professor: *...eu nunca tinha dado conta de que trabalhávamos tentando ensinar brincadeiras para 35 especialistas em brincadeiras!*

Referências Bibliográficas

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

MÜLLER, M. S.; CORNELSEN, J. M. **Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias**. 5. ed. Londrina: Eduel, 2003.

NEIRA, M. G. **O Ensino de Educação Física**. São Paulo: Thomson Learnig, 2007.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. 14. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 1994.

SILVA, T. Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

